



## AGENDA DA SEMANA

## INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

### Semana é movimentada no Brasil, com dados do PIB, crédito, inflação e mercado de trabalho

**A agenda de indicadores no Brasil será movimentada nesta semana, com destaque para a divulgação do PIB do 1T26, que deve indicar um bom crescimento da atividade no período.** O consenso de mercado projeta avanço de 1,0% no trimestre, com alta disseminada entre os principais setores, na ótica da oferta, e retomada do consumo das famílias e dos investimentos, na ótica da demanda. A informação mais relevante deve ser a reaceleração do consumo, em um contexto de mercado de trabalho ainda aquecido e ampliação da isenção do IR, fatores que têm sustentado a expansão da renda das famílias. O resultado será divulgado pelo IBGE na sexta-feira (29).

**O Banco Central divulga na quarta (28) as estatísticas de crédito de abril, com estimativa de alta de 0,8% no mês, segundo a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban.** O avanço deve ser puxado pelo crédito destinado às famílias (+0,9%), sobretudo no crédito imobiliário, favorecido pelas novas condições de acesso ao programa Minha Casa, Minha Vida (MCMV). Já as operações com as empresas devem mostrar um aumento mais moderado (+0,6%) no mês. O resultado deve manter o ritmo de expansão anual da carteira de crédito total estável em 9,7%, permanecendo com nível robusto de expansão, apesar da elevada taxa Selic. Veja mais detalhes da pesquisa nas [páginas 8 e 9](#).

**Também em relação ao setor bancário, o BC divulgou nesta manhã o Relatório de Estabilidade Financeira (REF) referente ao 2º semestre de 2025.** O documento manteve a avaliação sobre a solidez do Sistema Financeiro Nacional (SFN) e o fato de não haver riscos relevantes à estabilidade do SFN, destacando os níveis confortáveis de capitalização, liquidez, provisões e rentabilidade. O BC também pontuou que a liquidação de instituições do conglomerado Master não gerou efeitos sistêmicos, com a realocação de recursos para instituições de maior porte. Vale destacar que o BC também divulgou um box relacionado ao FGC (Fundo Garantidor de Crédito). Quanto ao mercado de crédito, o BC evidenciou que este segue em desaceleração, em linha com a atividade e o menor apetite ao risco das IFs. O REF apontou que há arrefecimento do crédito nas modalidades de maior risco entre as famílias, e em todos os portes entre as empresas. Adicionalmente, o mercado de capitais seguiu crescendo em ritmo bastante superior ao crédito bancário. Dentre outros temas, o documento também traz uma atualização das métricas de concentração e concorrência do SFN, além da decomposição do spread bancário. Por fim, vale destacar que o REF também traz um detalhado capítulo sobre o Buffer neutro positivo, abordando a literatura e a experiência internacional. Hoje pela manhã, o presidente do BC, Gabriel Galípolo, e os diretores de Fiscalização (Aílton de Aquino) e Política Econômica (Paulo Picchetti) darão entrevista sobre os principais pontos do relatório. Ainda neste tema, o Comitê de Estabilidade Financeira (Comef) do Banco Central se reúne nos dias 26 e 27. Na próxima semana, o informativo trará uma análise sobre os principais temas do REF.

**No campo da inflação, o IBGE divulga nesta quarta (27) o resultado do IPCA-15 de maio, que deve seguir pressionado, sobretudo pelos preços dos alimentos.** O consenso do mercado projeta alta de 0,57% no período. Além dos alimentos, a energia elétrica (alteração da bandeira verde para amarela) e os medicamentos devem ser outros vetores de alta. Por outro lado, os combustíveis devem mostrar algum arrefecimento, em função das medidas adotadas (subsídios e subvenções) pelo governo para conter o repasse interno e da elevada defasagem dos preços domésticos cobrados pela Petrobras em relação aos preços internacionais. No acumulado em 12 meses, o índice deve continuar acelerando e atingir 4,59% (ante 4,37%), voltando a superar o intervalo superior da meta de inflação.



## AGENDA DA SEMANA

## INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

**A semana também traz os dados do mercado de trabalho referentes ao mês de abril.** O IBGE divulga a PNAD Contínua na quinta-feira (28), enquanto o Ministério do Trabalho divulga os dados de empregos no setor formal (Caged) na sexta (29). A mediana do mercado projeta que a taxa de desemprego caia de 6,1% para 6,0%, favorecida pela retomada sazonal das contratações após o início do ano. Quanto ao Caged, a expectativa é de geração líquida de vagas formais de 230,0 mil no mês, pouco abaixo do registrado em abr/25 (237,9 mil). De toda forma, as publicações devem apontar que o mercado de trabalho segue com algum dinamismo, ajudando a explicar a retomada do consumo das famílias, mas reforçando a cautela em relação à trajetória da inflação.

**Os dados fiscais também entram no radar da semana.** O Tesouro Nacional publica o resultado do governo central na quinta-feira (28), com expectativa de um superávit primário de R\$ 24,1 bi no mês (ante superávit de R\$ 18,2 bi em abr/25), enquanto o Banco Central divulgará os dados fiscais do setor público consolidado na sexta-feira (29) e deve apontar um superávit de R\$ 22,0 bi no período (ante superávit de R\$ 14,1 bi). Os resultados devem ser beneficiados pela forte arrecadação registrada no mês, em parte por causa da elevação do preço do petróleo, embora não alterem a preocupação com o desempenho das contas públicas.

**Nos EUA, o principal destaque da agenda é a divulgação do indicador de preços preferido do Fed.** O deflator dos gastos com consumo pessoal (PCE) será conhecido nesta quinta-feira (28), em um contexto de maior sensibilidade dos mercados aos impactos da guerra sobre preços de energia, *commodities* e cadeias globais, o que tem pressionado os juros futuros. A expectativa do mercado é de que o PCE avance 0,5% no mês de abril, após alta de 0,7% em março, com a taxa acumulada em 12 meses acelerando de 3,5% para 3,8%. O núcleo do indicador também deve acelerar, mas em magnitude mais contida (+3,3% ante +3,2%), dado que desconsidera os itens mais afetados pela guerra (energia e alimentos). Assim, o resultado deve reforçar o cenário de inflação ainda distante da meta de 2,0% do Fed.

**Ainda nos EUA, também serão divulgados indicadores de atividade.** Também na quinta (28), serão conhecidos os dados de renda e gastos pessoais, com expectativa de altas mensais de 0,4% e 0,5%, respectivamente, enquanto na terça (26) será divulgado o índice de confiança do consumidor apurada pelo *Conference Board*. Ambos os indicadores serão importantes para calibrar a força do consumo das famílias, em meio à elevação da inflação. Adicionalmente, também será divulgada a segunda leitura do PIB do 1T26, que deve apontar uma retomada do crescimento no período mesmo diante das incertezas geradas pela guerra. A expectativa é de avanço trimestral anualizado de 2,0%, acelerando após alta de 0,5% observada no 4T25. O dado também será conhecido nesta quinta (28).



## INDICADORES DA SEMANA

### NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
25/mai	BCB: Relatório de Estabilidade Financeira (REF)	2º semestre/25	-	-
25-28/mai	FGV: Sondagens de Confiança	Mai/26	-	-
26/mai	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Abr/26	US\$ -0,1 bi	US\$ -6,0 bi
27/mai	Reunião do Comef	-	-	-
27/mai	IBGE: IPCA-15	Mai/26	0,57% m/m 4,59% a/a	0,89% m/m 4,37% a/a
28/mai	BCB: Estatísticas de Crédito	Abr/26	0,8% m/m* 9,7% a/a*	0,9% m/m 9,7% a/a
28/mai	PNAD: Taxa de Desemprego	Abr/26	6,0%	6,1%
28/mai	FGV: IGP-M	Mai/26	0,80% m/m 1,91% a/a	2,73% m/m 0,62% a/a
28/mai	Tesouro: Resultado Primário do Governo	Abr/26	R\$ 24,1 bi	R\$ -73,8 bi
29/mai	IBGE: PIB	1º trim/26	1,0% t/t-1 1,8% t/t-4	0,1% t/t-1 1,8% t/t-4
29/mai	BCB: Estatísticas Fiscais	Abr/26	R\$ 22,0 bi	R\$ -80,7 bi
29/mai	Caged: Geração de Vagas Formais de Trabalho	Abr/26	230,0 mil	228,2 mil

Fonte: Bloomberg. \*Pesquisa Especial de Crédito da Febraban.

### INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
26/mai	EUA	Confiança do Consumidor ( <i>Conference Board</i> )	Mai/26	92,0 pts	92,8 pts
28/mai	Zona do Euro	Confiança do consumidor	Mai/26 - final	-19,0 pts	-20,6 pts
28/mai	EUA	Rendas e Gastos Pessoais	Abr/26	0,4% m/m 0,5% m/m	0,6% m/m 0,9% m/m
28/mai	EUA	Deflator dos Gastos de Consumo Pessoal (PCE)	Abr/26	0,5% m/m 3,8% a/a	0,7% m/m 3,5% a/a
28/mai	EUA	Pedidos de bens duráveis	Abr/26	3,5% m/m	0,8% m/m
28/mai	EUA	PIB	1º tri/26 – 2ª leitura	2,0% t/t-1 (anualizado)	0,5% t/t-1 (anualizado)
28/mai	EUA	Vendas de casas novas	Abr/26	-3,5% m/m	7,4% m/m
29/mai	EUA	Estoques no atacado	Abr/26 - prévia	0,7% m/m	1,3% m/m

Fonte: Bloomberg.

## ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

## INDICADORES ECONÔMICOS

### Prévias do PIB confirmam bom crescimento da economia no 1T26

A economia brasileira reacelerou no 1T26, segundo os principais indicadores antecedentes do PIB, cuja divulgação oficial pelo IBGE está prevista para esta sexta-feira (29). O Monitor do PIB e o índice IBC-Br avançaram 0,9% e 1,3%, respectivamente, ante o 4T25, interrompendo o processo de desaceleração mais intensa observado no segundo semestre do ano passado.

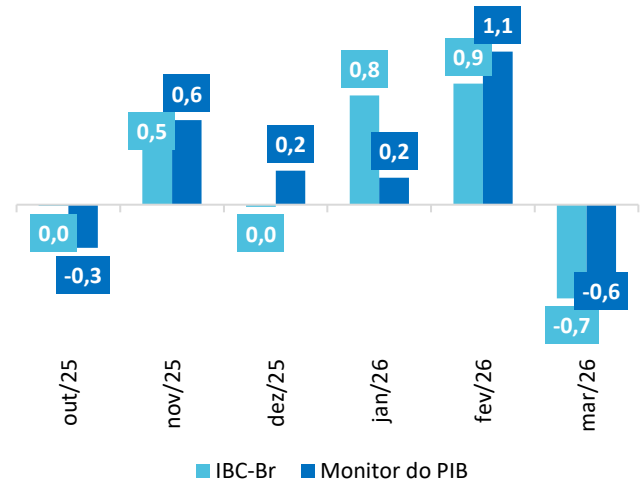
O índice IBC-Br de atividade econômica, calculado pelo Banco Central, registrou expansão de 1,3% no 1T26 frente ao 4T25. Todos os principais setores da economia cresceram no período: indústria (+1,3%), serviços (+1,0%) e agropecuária (+1,0%). Na comparação interanual, o indicador avançou 1,4%, sustentado pelo desempenho positivo do setor de serviços (+2,4%), enquanto a indústria (+0,3%) e a agropecuária (-0,5%) mostraram números mais fracos.

O resultado robusto no trimestre refletiu os avanços registrados em janeiro (+0,8%) e fevereiro (+0,9%). Em março, houve desaceleração da atividade (-0,7%). Esse enfraquecimento foi disseminado entre os setores, com retração de 0,2% na agricultura e na indústria, além da queda de 0,8% nos serviços, em linha com o desempenho negativo da PMS/IBGE divulgado na semana anterior.

Já o Monitor do PIB, publicado pela FGV, apontou crescimento de 0,9% da atividade no 1T26. Pelo lado da demanda, o trimestre foi marcado pela reaceleração do consumo das famílias, impulsionado pelo avanço da renda, reflexo tanto da resiliência do mercado de trabalho, com crescimento real da massa salarial, quanto das novas regras de isenção do IR, que ampliaram a capacidade de consumo, mesmo em um ambiente de crédito mais restritivo e com maior nível de comprometimento de renda. Outro componente relevante foi a Formação Bruta de Capital Fixo, que avançou 0,9% ante o 1T25, com a taxa de investimento atingindo 19,1% no trimestre, segundo o Monitor. O setor externo também contribuiu positivamente: as exportações cresceram 6,5%, refletindo, entre outros fatores, a forte demanda externa por petróleo no início do ano, enquanto as importações mostraram leve recuo (-1,3%), ambos também em comparação com o mesmo período do ano anterior.

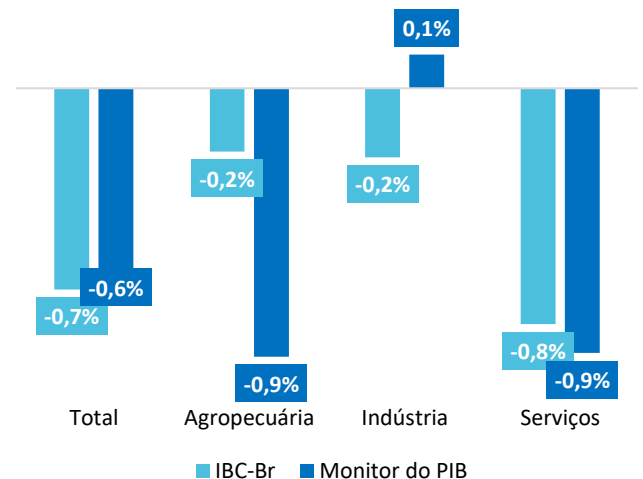
Pelo lado da oferta, de forma similar ao IBC-Br, o Monitor do PIB também indicou crescimento de todos os principais setores no trimestre: indústria (+1,1%), serviços (+0,8%) e agricultura (+0,7%).

Quadro 1: Indicadores de Atividade  
Var. % mensal



Fonte: IBGE, BCB e FGV

Quadro 2: Componentes da Oferta  
Var. % no mês de março



Fonte: BCB e FGV

Na abertura mensal, o indicador também sinalizou algum enfraquecimento em março. A atividade recuou 0,6% frente a fev/26, na série dessazonalizada, com destaque para as quedas da agropecuária (-0,9%) e dos serviços (-0,9%), neste último caso, a primeira retração desde set/25. A indústria, por sua vez, apresentou relativa estabilidade, com leve alta de 0,1%.

Portanto, a atividade mostrou um início de ano positivo, especialmente nos meses de janeiro e fevereiro, o que deve resultar em um crescimento do PIB próximo a 1,0% no período. Contudo, a expectativa permanece de retomada da desaceleração ao longo do ano, com a avaliação de que o PIB deve avançar menos de 2% em 2026, refletindo um arrefecimento mais pronunciado da atividade no segundo semestre.

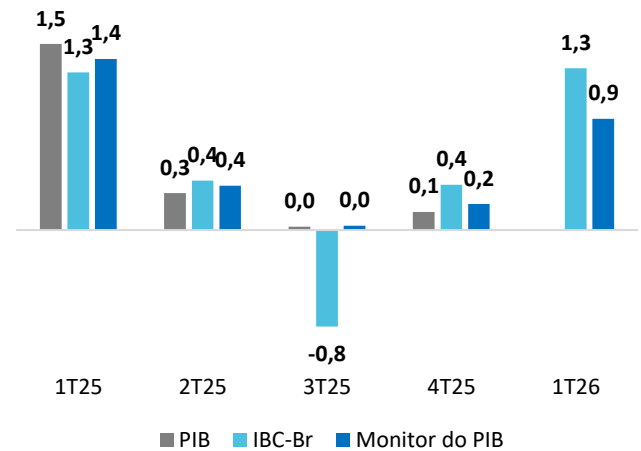
**No campo fiscal, o governo federal anunciou um bloqueio adicional de R\$ 22,1 bilhões nas despesas previstas para 2026.** O instrumento foi acionado para assegurar o cumprimento do limite de crescimento real das despesas (2,5%), que segue pressionado pela elevação dos gastos obrigatórios, especialmente aqueles vinculados à Previdência (+R\$ 11,5 bilhões em relação à avaliação do 1B26) e ao BPC (+R\$ 14,1 bilhões). Em sentido oposto, houve redução de R\$ 3,8 bilhões nas despesas previstas com pessoal, em linha com o padrão recente de dotações iniciais mais elevadas e ajuste gradual ao longo do ano.

Esse novo bloqueio se soma aos R\$ 1,6 bilhão já bloqueados anteriormente, elevando para R\$ 23,7 bilhões o total bloqueado até o momento no orçamento público.

Pelo lado das receitas, a nova avaliação incorporou R\$ 20,5 bilhões adicionais (0,07% do PIB) na projeção de Receita Primária em relação a avaliação do 1º bimestre, além de R\$ 4,4 bilhões a mais na Receita Líquida. Apesar da revisão altista, o governo ainda não incorporou integralmente os efeitos, que segue incerto, sobre as receitas administradas, como, por exemplo, o aumento esperado de IRPJ/CSLL do setor de exploração de petróleo em decorrência da alta dos preços internacionais da *commodity*. Por outro lado, a nova projeção retirou da base de arrecadação as receitas associadas aos leilões de petróleo, que deixaram de ser previstas para este ano.

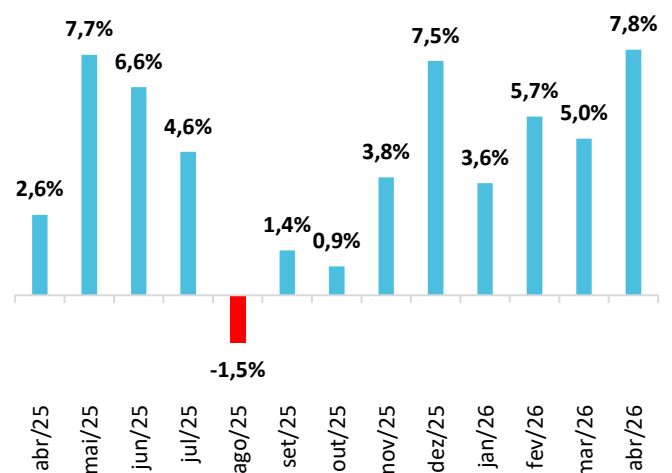
Ainda assim, a expectativa é de crescimento adicional de R\$ 4,9 bilhões nas despesas. Com isso, o governo federal passou a projetar déficit primário de R\$ 60,3 bilhões em 2026, ligeiramente acima do estimado na avaliação anterior (R\$ 59,8 bilhões). Para fins de cumprimento da meta fiscal, a alteração é marginal, com uma folga de R\$ 4,1 bilhões em relação ao piso da meta.

**Quadro 3: Atividade Econômica**  
Var. % trimestral (dessaz)



Fonte: IBGE, BCB e FGV

**Quadro 4: Arrecadação Tributária**  
Var. % ante o mesmo período do ano anterior



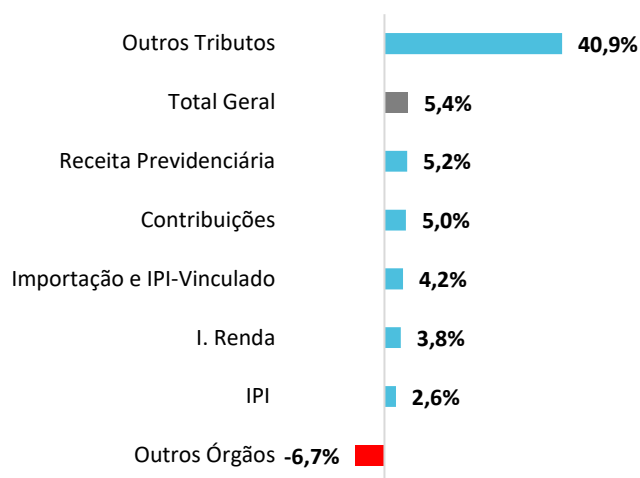
Fonte: Receita Federal

Ainda no âmbito das contas públicas, a Receita Federal divulgou o resultado da arrecadação de abril de 2026, que registrou crescimento real de 7,8% em relação a abril de 2025. No caso das receitas tributárias administradas pela Receita Federal, o avanço foi de 7,3%. O desempenho favorável da arrecadação ainda reflete mudanças legislativas relevantes, como o aumento do IOF em 2025, a elevação dos percentuais de presunção no regime de Lucro Presumido e o aumento do Imposto de Importação, que compensaram parcialmente o efeito da apreciação cambial sobre a base tributária.

No acumulado do ano, a arrecadação passou a registrar alta real de 5,4% em relação ao mesmo período de 2025. O governo segue sendo beneficiado pelo bom desempenho das receitas vinculadas ao mercado de trabalho, como as receitas previdenciárias, sustentadas pelo crescimento da massa salarial real. Ao mesmo tempo, os efeitos da isenção do IR já começam a afetar os tributos retidos na fonte associados à renda do trabalho. Por outro lado, a arrecadação de IR sobre ganhos de capital segue apresentando crescimento robusto, impulsionada por uma maior alocação em renda fixa em um ambiente de juros elevados.

Apesar da robustez recente, a expectativa é de moderação da arrecadação ao longo do ano, à medida que se dissipam os efeitos da ampliação de alíquotas, especialmente do IOF, ao longo do segundo semestre, além da expectativa de desaceleração da atividade. Esse movimento tende a reduzir o ímpeto das receitas mais sensíveis ao ciclo econômico, após a reaceleração observada no 1T26.

### Quadro 5: Arrecadação Tributária por tipo de Imposto Var. % acumulada no ano



Fonte: Receita Federal

## Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

### Alívio no Oriente Médio sustenta ativos de risco, mas cautela com inflação eleva juros futuros

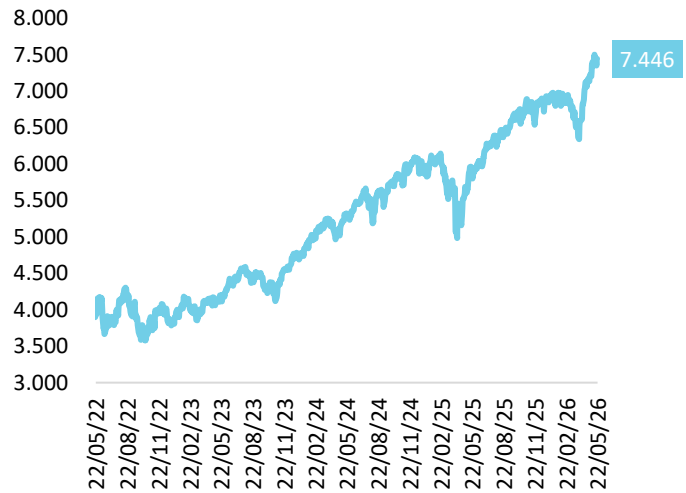
A última semana foi marcada por otimismo nos mercados internacionais, diante da expectativa de um acordo entre EUA e Irã para o encerramento do conflito. O governo iraniano informou que a última proposta de paz dos EUA “reduziu as diferenças” entre os países, enquanto nações da região como Arábia Saudita, EAU e Catar reforçaram o pedido para que Donald Trump não retome os ataques. Os principais impasses ainda estariam relacionados ao destino do urânio enriquecido pelo Irã (que poderia ter fins bélicos) e de um suposto pedágio para a navegação no Estreito de Ormuz. De todo modo, os ativos de risco subiram na semana: o índice S&P 500 reaproximou-se de sua máxima histórica, atingida em meados de maio, registrando a 8ª semana seguida de alta, melhor sequência desde 2023. Além da perspectiva do fim da guerra, outro vetor positivo foi o otimismo ligado às ações de tecnologia (IA), após balanço da Nvidia no 1T26.

Ainda assim, o preço do petróleo (tipo *Brent*) segue acima de US\$ 100 por barril, elevando os temores de seus efeitos inflacionários. Com isso, parte do mercado já precifica a necessidade de uma elevação dos juros pelo Fed ainda em 2026. O rendimento das *Treasuries* norte-americanas de 30 anos atingiu 5,2% aa durante a semana, maior patamar desde 2007, antes da crise de 2008/09.

Quanto às divulgações, destaque para a ata do Fed referente ao encontro do fim de abril, que manteve os juros estáveis no intervalo entre 3,50% e 3,75% aa. O documento trouxe um tom mais duro (*hawkish*), em resposta ao choque do petróleo, com vários membros considerando ser apropriado um eventual aperto monetário caso a inflação continue pressionada pelos preços de energia. Os dirigentes ressaltaram que um corte de juros só seria justificado caso o conflito no Oriente Médio fosse resolvido em breve. Em relação aos indicadores, a prévia de maio do índice PMI da manufatura subiu para 55,3 pts (ante 54,5 pts), maior patamar em 4 anos, refletindo a formação de estoques precaucionários em função da guerra. Já o PMI dos serviços ficou praticamente estável (50,9 pts; ante 51,0 pts).

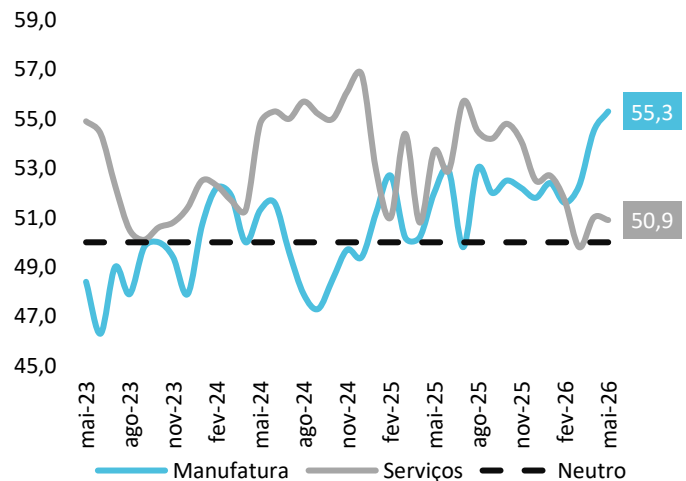
Na Zona do Euro, a leitura final da inflação ao consumidor (CPI) de abril confirmou a prévia e acelerou para 3,0% (ante 2,6%) no acumulado em 12 meses, maior valor desde set/23 e acima da meta de inflação do bloco (2,0%). Quanto à atividade, o índice PMI do setor de serviços caiu para 46,4 pts (47,6 pts), nível mais baixo desde o início de 2021, com redução da atividade do setor e da confiança dos empresários, devido aos efeitos da guerra no Oriente.

Quadro 6: S&P 500 – Em pontos



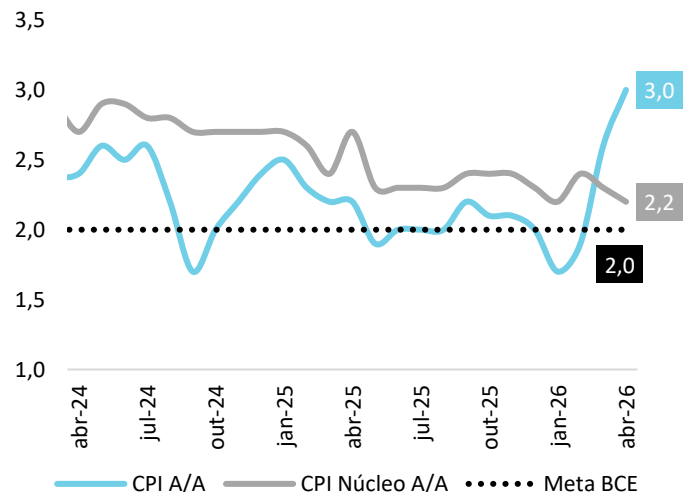
Fonte: Bloomberg.

Quadro 7: EUA – PMI Manufatura e Serviços Em pontos



Fonte: Bloomberg.

Quadro 8: Zona do Euro – CPI e Núcleo do CPI Em % a/a



Fonte: Bloomberg.

## Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

## CRÉDITO / BANCOS

### Crédito deve crescer 0,8% em abril, com ritmo de expansão anual estável em 9,7%

O saldo da carteira de crédito total deve crescer 0,8% em abril, segundo a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. O número deve manter o ritmo de expansão anual estável em 9,7%, permanecendo com nível robusto de expansão, apesar da elevada taxa Selic.

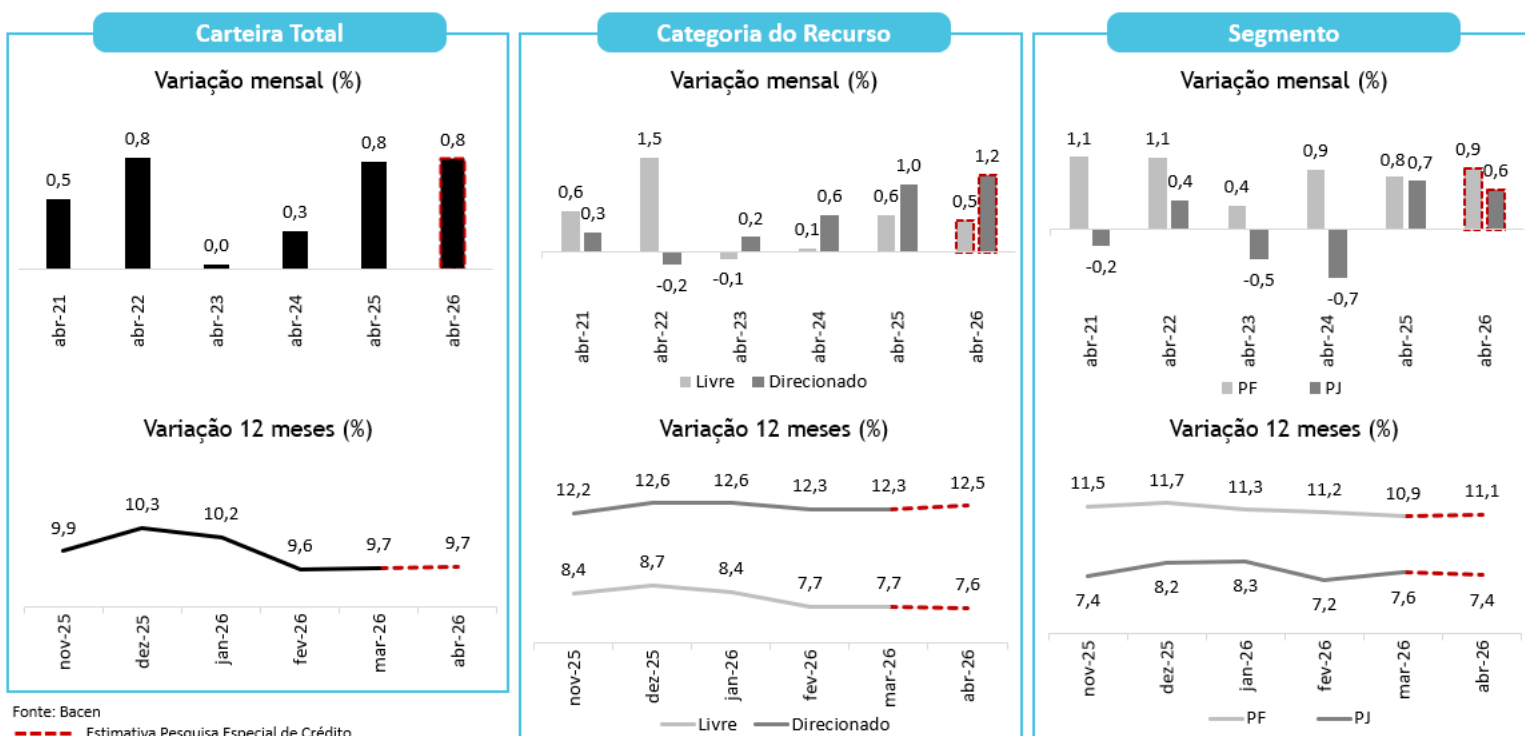
No mês, o avanço deve ser puxado pelo crédito destinado às famílias (+0,9%), enquanto as operações com as empresas devem mostrar um aumento mais moderado (+0,6%).

A expansão da carteira PF deve ser sustentada pelos recursos direcionados (+1,4%), com destaque para o crédito imobiliário, favorecido pelas novas condições do programa Minha Casa, Minha Vida (MCMV), que, a partir de abril, passou a contar com a atualização das faixas de renda e dos valores dos imóveis, ampliando o acesso à modalidade. Já a carteira com recursos livres deve crescer em menor magnitude (+0,5%), refletindo um desempenho mais contido, sobretudo nas linhas de veículos e

cartão à vista, neste último caso, influenciado pelo menor número de dias úteis em abril (ante março). No acumulado em 12 meses, a carteira PF deve seguir com elevada expansão (11,1%; ante 10,9%), liderada pelos recursos livres (11,7%; ante 12,3%), mas também com alta em dois dígitos entre os recursos direcionados (10,3%; ante 9,2%).

Na carteira PJ, a expansão no mês deve ser relativamente semelhante entre os tipos de recursos: direcionados (+0,7%) e livres (+0,5%). Nos direcionados, com continuidade do dinamismo dos programas governamentais e das linhas com recursos do BNDES. Na carteira livre, o avanço deve ser puxado pelo capital de giro. Em 12 meses, a carteira PJ deve mostrar leve acomodação, passando de 7,6% para 7,4%, mantendo a forte divergência entre a carteira com recursos direcionados (16,8%; ante 18,5%) e livres (1,9%; ante 1,2%).

Quadro 9: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



## Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

As concessões de crédito total devem registrar ligeira queda em abril (-1,0%). Contudo, após o ajuste por dias úteis, devem avançar 8,9% em relação a março. Na comparação com abril de 2025 (também ajustada por dias úteis), as concessões devem apresentar alta de 12,6%, eliminando efeitos sazonais.

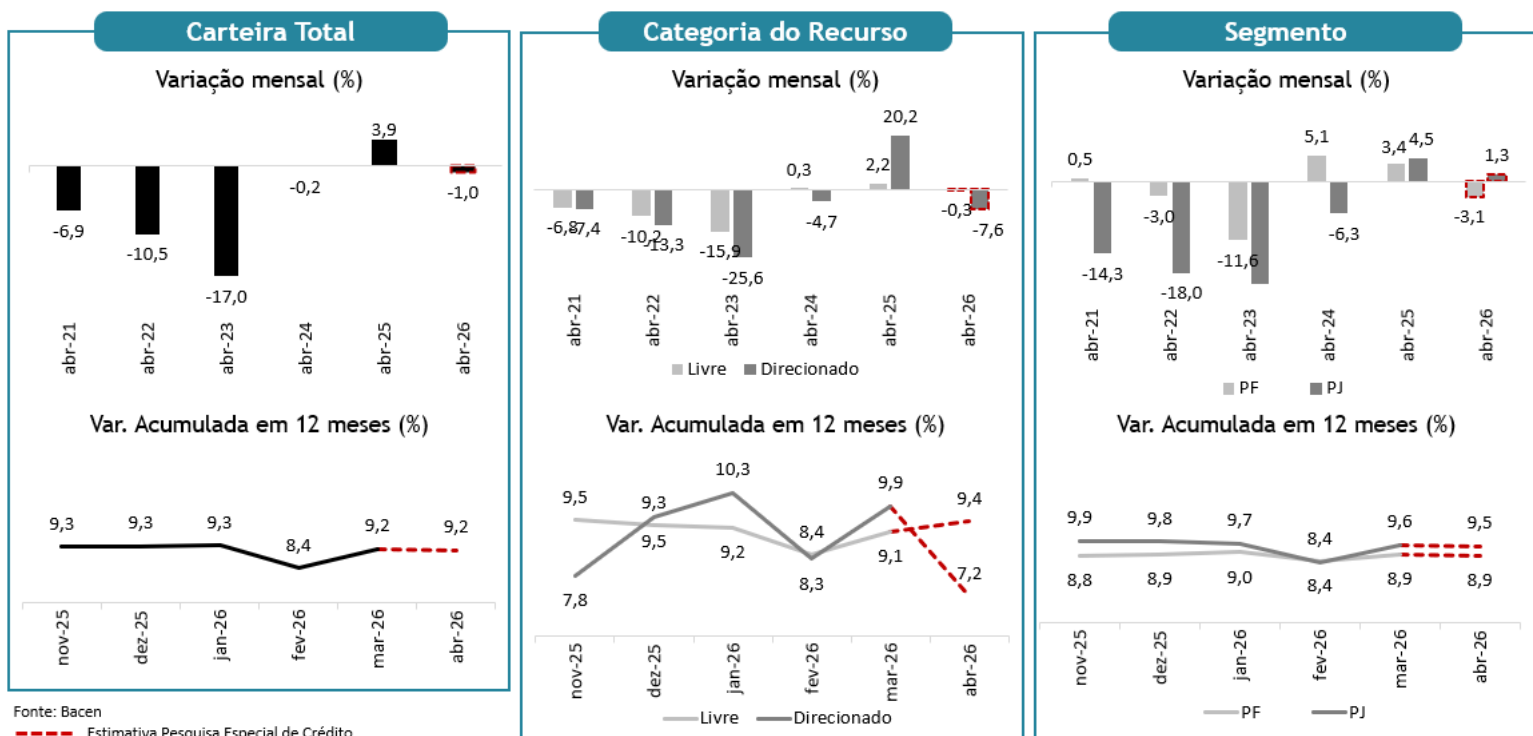
Nesse último comparativo, o resultado é puxado pela carteira destinada às empresas (+17,4%), especialmente nas linhas com recursos livres, enquanto as concessões com recursos direcionados mostram alguma acomodação, ainda que em nível elevado. Já o avanço das concessões às famílias (+8,5%) é impulsionado pelo crédito imobiliário, na carteira direcionada, e pelo crédito pessoal (incluindo consignado), entre os recursos livres.

No acumulado em 12 meses, o ritmo de crescimento das concessões totais deve permanecer estável em 9,2% em abril, com estabilidade tanto na carteira PJ (em 9,5%) quanto na PF (em 8,9%).

Portanto, a pesquisa indica que o ritmo de expansão do crédito segue elevado, mesmo diante de uma política monetária ainda bastante contracionista. De todo modo, o crescimento permanece mais intenso nas linhas com recursos direcionados, refletindo o impulso de programas governamentais, tanto para famílias quanto para empresas. Entre os recursos livres, apenas a carteira PF mostra maior dinamismo, enquanto a carteira PJ segue com alta bastante modesta.

A divulgação das Estatísticas Monetárias e de Crédito pelo Banco Central está programada para acontecer em 28 de maio. Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

**Quadro 10: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito**



## Boletim do Mercado de Capitais da Anbima – Abril/2026

### CRÉDITO / BANCOS

As captações do mercado de capitais totalizaram R\$ 55,4 bi em abril, segundo o Boletim de Mercado de Capitais da Anbima. O resultado equivale a uma queda de 24,9% em relação ao mês anterior, mas representa um avanço de 9,2% ante abr/25, com dados já ajustados pelo IPCA. Isso mostra que o segmento segue relativamente aquecido, apesar dos sinais de estresse financeiro em algumas empresas de grande porte.

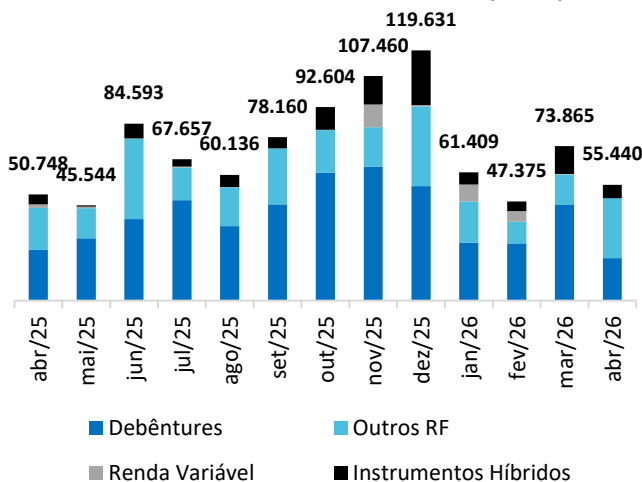
O volume captado via debêntures foi de R\$ 20,3 bi ou 36,6% do total no mês, valor 16,6% inferior ao observado em abr/25. Os demais instrumentos de renda fixa, por sua vez, foram responsáveis por um volume de R\$ 28,7 bi ou 51,7% do total captado no mês. Esse foi o primeiro mês desde jan/24 em que os demais instrumentos de RF superaram as debêntures em volume mensal. O forte aumento registrado ante abr/25 foi puxado pelos FIDCs (+57,5%), que atingiram R\$ 15,0 bi, maior volume desde dez/21 (R\$ 39,6 bi), quando foram promovidas mudanças regulatórias pela CVM, gerando um movimento atípico. Interessante notar também a melhor marca das CPR-Fs (R\$ 4,3 bi), ainda que concentradas em duas emissões do setor de papel e celulose. O produto parece explicar parte da perda de dinamismo das CRAs, cuja captação foi de apenas R\$ 207 mi, nível mais baixo desde out/20 (em termos reais).

Os instrumentos híbridos totalizaram R\$ 6,5 bi em captações em abril, alta de 39,1% no ano, representando 11,7% do total, com avanço disseminado em FIAGROs e FIIs. Por fim, não houve captação através de instrumentos de renda variável (IPOs e *follow-ons*) no mês. O IPO da Compass, empresa do setor de gás, foi realizado no mês de maio, não sendo computado ainda nas estatísticas.

Com isso, as captações somaram R\$ 238,1 bi no acumulado do ano, alta de 10,7% ante o mesmo período de 2025. O crescimento é relativamente disseminado entre os instrumentos, com destaque para a retomada das operações de *follow-on* (mais de 4 vezes superior a jan-abr/25) e de instrumentos híbridos, que dobraram de volume. A exceção são as debêntures, cuja captação cai 9,4% no ano.

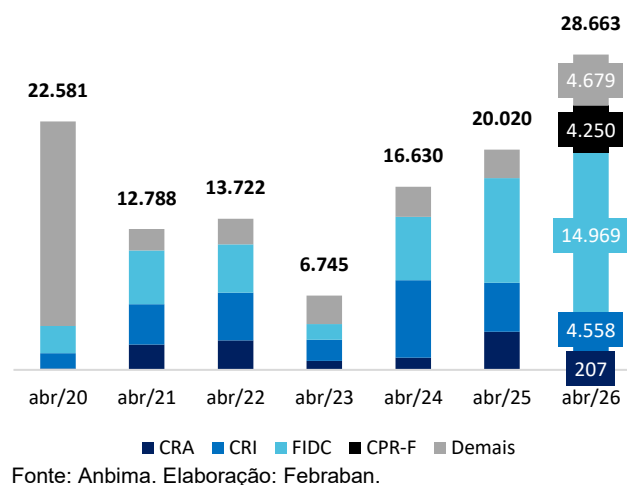
Portanto, mesmo diante das incertezas trazidas pelo conflito do Oriente Médio e pelos casos de recuperação judicial (ou extrajudicial) de grandes empresas, o mercado de capitais segue com números positivos. Importante observar se a perspectiva de uma taxa Selic maior do que o esperada anteriormente pode impactar o segmento, sobretudo a modesta retomada das emissões em renda variável.

**Quadro 11: Captação no Mercado de Capitais Em R\$ mi – Preços de abr/26 (IPCA)**



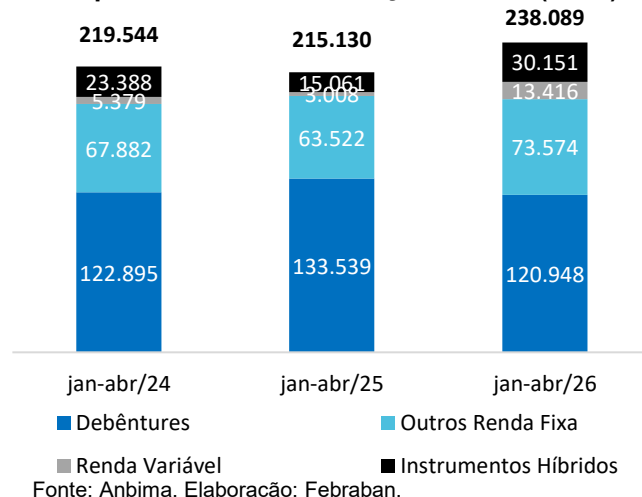
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

**Quadro 12: Demais instrumentos de Renda Fixa nos meses de abril – R\$ mi – Preços de abr/26 (IPCA)**



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

**Quadro 13: Acumulado de captações no mercado de capitais – Em R\$ mi – Preços abril/26 (IPCA)**



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.



## MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2026				2027			
	22/05/26	15/05/26	24/04/26	Viés	22/05/26	15/05/26	24/04/26	Viés
IPCA (%)	5,04	4,92	4,86	▲	4,01	4,00	4,00	▲
PIB (% de crescimento)	1,89	1,85	1,85	▲	1,70	1,77	1,80	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	13,25	13,25	13,00	↔	11,25	11,25	11,00	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,17	5,20	5,25	▼	5,26	5,27	5,35	▼

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	22/05/26	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
<b>NACIONAL</b>					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,04	-0,37%	1,64%	-8,00%	-11,76%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	126,84	-2,18%	5,78%	-8,42%	-23,69%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	14,34	-0,29%	-0,45%	-3,76%	-2,25%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	13,99	-1,51%	-0,23%	1,35%	-3,87%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	13,99	-1,90%	2,31%	3,80%	1,82%
Índice Ibovespa (em pontos)	176.209,61	-0,61%	-5,93%	9,36%	28,36%
IFNC (setor financeiro)	17.940,65	-0,09%	-7,18%	3,73%	16,44%
<b>INTERNACIONAL</b>					
Fed Funds (% a.a.)	3,75	0,00%	0,00%	0,00%	-16,67%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,12	1,29%	6,52%	19,50%	3,28%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,56	-0,78%	4,28%	10,58%	0,64%
Dollar Index	99,32	0,04%	1,29%	1,10%	-0,64%
Índice S&P 500 (em pontos)	7.473,47	0,88%	3,67%	8,37%	27,93%
Índice de Ações - Maiores Bancos EUA	168,27	3,36%	-1,05%	1,64%	33,34%
Índice de Ações - Bancos Regionais EUA	134,35	3,42%	-0,74%	7,26%	20,19%
Índice Euro Stoxx 50	6.019,45	3,29%	2,35%	3,85%	10,97%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	267,15	1,99%	2,77%	1,27%	30,99%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	104,11	-4,71%	-8,68%	68,14%	61,56%

Fonte: Bloomberg.

**Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos**  
[economia@febraban.org.br](mailto:economia@febraban.org.br)

Rubens Sardenberg  
 Jayme Alves  
 Luiz Fernando Castelli  
 João Vítor Siqueira  
 Marcos Duarte  
 Jéssica Silva Martins